

CONTEÚDOS

01 EDITORIAL

02 ARTIGO CONTRIBUTO PARA O TRATAMENTO E ACESSIBILIDADE DO ARQUIVO DA COMISSÃO NACIONAL PORTUGUESA DO ICOM

09 NOVOS, RECENTES E RENOVADOS MUSEU DO FOGO E DA RESINA EM VILA DE REI

13 NOTÍCIAS ICOM

15 NOVAS PUBLICAÇÕES

16 CALENDÁRIO DE INICIATIVAS

EDITORIAL

MARIA VLACHOU

A próxima Assembleia-Geral do ICOM Portugal, em Março 2014, será uma assembleia eleitoral. Com ela, marca-se o fim de um ciclo. Ou melhor, de mais um ciclo, como nos revela o arquivo da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM. O nosso colega **Roberto Leite** estudou com atenção este arquivo e apresenta-nos no seu artigo uma história rica, assim como as suas sugestões para o tratamento dos documentos existentes e a acessibilidade aos mesmos.

Tal como tínhamos prometido na edição de Setembro, apresentamos neste número mais um recém-criado museu, o Museu do Fogo e da Resina de Vila de Rei. **Paulo Monteiro** escreve sobre este projecto que procura dar a conhecer, proteger e valorizar a história do fogo e da resina e a sua relação com o homem num território que sofreu dois dos maiores incêndios ocorridos em Portugal, mas que renasceu e procurou, através destes acontecimentos, promover uma construção cultural e social.

Entretanto, já passaram três meses desde a realização da grande conferência do ICOM Internacional no Rio de Janeiro, em Agosto 2013, mas as memórias são ainda muito intensas. Elsa Rodrigues, Secretária-Tesoureira do DEMHIST, Comité Internacional do ICOM para as Casas-Museu, partilha connosco as suas experiências e reflexões após este grande acontecimento.

Como sempre, no final irão encontrar referências a novas publicações e iniciativas dirigidas aos profissionais dos museus.

Boa leitura.

ARTIGO

CONTRIBUTO PARA O TRATAMENTO E ACESSIBILIDADE DO ARQUIVO DA COMISSÃO NACIONAL PORTUGUESA DO ICOM

ROBERTO LEITE*
MUSEÓLOGO

Introdução

O Arquivo Histórico do ICOM-PT (AHICOMPT) tem a sua origem na documentação criada no âmbito da atividade da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM. Preserva documentação relevante para a História da Museologia em Portugal, em especial no que respeita às relações com o ICOM (*International Council of Museums*), criado em Paris no ano de 1946, no âmbito do estabelecimento em Portugal de uma Comissão Nacional do ICOM, abrangendo o período de 1946 até 2001.

Em 2007 foi, finalmente, levado a cabo o desígnio do ICOM.PT de organizar a sua documentação corrente e histórica. Também foi separada a documentação corrente dos fundos históricos, criado formalmente o Arquivo Histórico do ICOM-Portugal (AHICOMPT) e estabelecida uma política preliminar para a documentação. O ICOM-Portugal, como muitas organizações não-governamentais, tem, na sua matriz, o trabalho voluntário, que é necessariamente ocasional. Todavia, durante um ano, entre fevereiro de 2012 a fevereiro de 2013, foi possível contratar o signatário a tempo integral, com o objetivo de organizar e tratar o arquivo, particularmente o AHICOMPT, com a coordenação de Marta Lourenço¹. Contou ainda com a colaboração de Cláudia Jorge Freire² em regime de voluntariado.

O trabalho foi implementado faseadamente. No período inicial, reuniu-se a documentação dispersa na sede do ICOM-PT (Museu Nacional de História Natural e da Ciência), e compilou-se a documentação que se encontrava no Panteão Nacional. Numa fase posterior, realizou-se o levantamento de fontes entre 1946 e 1975, adquiriu-se mobiliário e materiais de conservação e acondicionamento e começou a tratar-se, de forma continuada, a documentação.

Esta reunião, conservação e organização geral do arquivo foi considerada, pela Direção do ICOM-PT, como estratégica e prioritária e, em março de 2013, foi apresentada em Assembleia Geral.

O AHICOMPT tem como missão guardar, tratar, preservar e difundir os documentos da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM, promovendo o seu acesso aos membros do ICOM e a investigadores. Tem como objetivo salvaguardar e valorizar o património arquivístico da Museologia, enquanto fundamento da memória

* Vive e trabalha em Portalegre. Museólogo. Licenciado em Biologia pela Universidade de Coimbra e pós-graduado em Museologia pela Universidade de Évora. Desde Maio de 2013 integra a equipa técnica da Fundação Robinson, em Portalegre. Colaborou no projeto de organização e tratamento do Arquivo Histórico da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM (*International Council of Museums*) (2012-2013). Integrou a equipa técnica da Rede Portuguesa de Museus (2006-2011). Colaborou com o Museu Botânico da Escola Superior Agrária de Beja (2005-2006), com a Algoteca do Departamento de Botânica da Universidade de Coimbra (2000-2003) e com o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra (1999-2005). É membro individual do ICOM desde 2008.

¹ Secretária da Direção do ICOM Portugal.

² Antropóloga/Museóloga

coletiva. A sua acessibilidade, pois, uma ferramenta fundamental, sendo desejável que se torne uma realidade a curto prazo. Não será redundante sublinhar, principalmente nos tempos de incerteza e retrocesso em que toda a Europa se encontra, a importância dos arquivos das ONG's enquanto garante de uma memória plural que se pretende salvaguardar para as futuras gerações. O ICOM é a maior organização internacional de museus e profissionais de museus dedicada à preservação e divulgação do património natural e cultural mundial, do presente e do futuro, tangível e intangível.

Sobre a história da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM

A atividade do ICOM em Portugal está documentada desde muito cedo, logo após a sua criação em 1946³. Nessa altura, os profissionais estavam associados diretamente à sede em Paris. A descoberta de um documento inédito de 1952⁴ permite verificar que, desde esta altura, está em projeto a constituição de um Conselho Nacional representativo do país no ICOM. A Comissão Nacional Portuguesa do ICOM foi criada mais tarde, em 1962⁵, continuando com o carácter governamental atípico do ICOM nos dias de hoje, mas compreensível no contexto político da época. Foi reorganizada em 1967⁶.

Importará ainda ter presente para este período a complexa relação de Portugal com a UNESCO, desde a sua fundação em 1946 até a adesão de Portugal em 1965⁷.

Estas matérias ainda não estão estudadas, pelo que a informação em Arquivo poderá ser determinante para explorar, no futuro, este assunto e comparar datas e contextos de criação de comités nacionais de outros países. A título de exemplo, refira-se que o Comitê Brasileiro do ICOM (ICOM Brasil) foi fundado em 9 de janeiro de 1948 no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, sendo a sua rápida constituição justificável pela presença de um brasileiro – Mário Barata – na primeira reunião do ICOM em 1946.

Finalmente, em 1975, após a Revolução de Abril, o ICOM.PT constitui-se como organização não-governamental e desempenha a função de mediador entre os membros e o ICOM Internacional. Esta circunstância implica que uma parte do acervo, até 1975, esteja disperso entre o AHICOMPT e os arquivos centrais, sendo por isso conveniente fazer um levantamento dos fundos dispersos na sede do ICOM, em Paris.

³ Fundação do ICOM – Conselho Internacional de museus, por iniciativa de Chancey J. Hamlin (n. 1881, Estados Unidos – m. 1963), que se torna o primeiro presidente da organização, dirigindo-a até 1953. O ICOM foi fundado durante uma reunião no Museu do Louvre, em Paris (16-20 novembro).

⁴ *Diário do Governo, 2ª Série de 7 de Maio de 1952 - Portaria que constitui o Conselho Nacional que deve representar o País no Conselho Internacional dos Museus.*

⁵ *Diário do Governo, 2ª Série de 16 de Fevereiro de 1962 - Portaria que constitui a Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional dos Museus (I.C.O.M.).*

⁶ *Diário do Governo, 2ª Série de 25 de Julho de 1967 – Portaria que dá nova constituição à Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional dos Museus (I.C.O.M.).*

⁷ Para uma leitura crítica do relacionamento entre Portugal e a UNESCO no período compreendido entre 1946 e 1965 vide o artigo *Da criação da UNESCO à Adesão de Portugal (1946-1965)*, Rodrigues (2006). Este artigo aborda como o Governo de Salazar chegou a ponderar um eventual pedido de adesão à UNESCO como compensação pelo desaire representado pelo veto soviético à participação portuguesa na ONU, e examina as razões que o levaram a desistir dessa hipótese. Mostra como a firme resistência de Lisboa a qualquer espécie de interferência externa nas suas questões ultramarinas contribuiu para retardar a adesão de Portugal à UNESCO até 1965, dez anos após o ingresso do país na ONU, e de como a eclosão da guerra colonial na África portuguesa tornou ainda mais tensos os contactos do Estado Novo com esse organismo internacional.

O acervo é composto por dois tipos de documentos. Por um lado, os referentes aos associados e, por outro, os que dizem respeito às atividades promovidas pelo ICOM. Nestas últimas, figuram as primeiras iniciativas museológicas em Portugal, a organização e a formação dos profissionais de museus, bem como a participação em atividades de iniciativa governamental a que o ICOM foi chamado, em representação dos profissionais. Este acervo, ainda por estudar, é um contributo fundamental para a história da museologia e dos museus em Portugal, das suas relações internacionais e do papel que alguns dos seus protagonistas desempenharam desde meados do século XX (e.g. Maria José de Mendonça, João Couto, Natália Correia Guedes, Fernando Bragança Gil, entre outros).

Do acervo salientam-se os documentos, a correspondência e as publicações sobre as conferências trienais e as reuniões gerais em Paris. Em particular, destacam-se os documentos relacionados com os encontros de países e comunidades de língua portuguesa, organizados pelo ICOMPT desde a década de 80. O registo fotográfico é ainda uma componente destacável do Arquivo, a par da participação do ICOM em diversos grupos de trabalho (e.g. Comissão *ad hoc* para estudar a reforma da legislação dos Museus Portugueses, Grupo para o Estudo do Curso de Museologia, entre outros).

Podemos distinguir dois fundos no Arquivo Histórico do ICOM.PT:

1. Fundo Documental pré-1975 – Antecedentes da Associação Comissão Nacional do Portuguesa do ICOM (acervo pouco conhecido, que inclui correspondência desde 1949, ainda sem uma Comissão Nacional oficializada havendo a nomeação de um Conselho Nacional de representação de Portugal no ICOM em 1952 e mais tarde a constituição de uma Comissão Nacional em 1962, reestruturada em 1967. Deste conjunto documental podemos destacar os testemunhos das etapas mais marcantes desse processo, sendo possível identificar para cada etapa os aspetos relativos à sua estrutura orgânica e funcional).

2. Fundo Documental da Associação Comissão Nacional Portuguesa do ICOM (1975 - até ao presente) Comissão Nacional Portuguesa do ICOM. Estatutos - *Diário do Governo*, 17 de Junho de 1975 III Série Número 137.

Num plano internacional, destaque-se a documentação existente no Arquivo Histórico do ICOM.PT que complementa a informação disponibilizada no portal do ICOM internacional (<http://icom.museum/>). Por exemplo, sobre a IX Conferência Geral do ICOM, realizada em Paris e Grenoble em 1971, dedicada ao tema “The museum in the service of man, today and tomorrow. The museum’s educational and cultural role”⁸, onde a discussão se centrou na necessidade de integrar o museu na rápida mudança social, rejeitando a visão elitista da instituição, o portal do ICOM internacional disponibiliza informação relativa às resoluções tomadas (<http://icom.museum/the-governance/general-assembly/resolutions-adopted-by-icoms-general-assemblies->

⁸ “O museu ao serviço dos homens de hoje e de amanhã, o papel educativo dos museus”. Atas da 9ª Conferência Geral do ICOM, 1972. A conferência realizou-se em Paris e Grenoble, de 29 de agosto a 10 de Setembro. A propósito Camargo Moro (1996) lamenta: «É curioso notar como o documento da época e as atas dessa Conferência escondem, em informações menores, o grande movimento. Essa obstrução deu à Mesa-redonda de Santiago, um movimento de adaptação regional e governamental realizado em 1972, uma dimensão própria da revolução de ideias e de ideais que ocorrera em Grenoble, em 1971.»

1946-to-date/grenoble-1971/). Ora, sobre esta Conferência, que teve grande impacto na Museologia⁹, o acervo do Arquivo Histórico do ICOM.PT preserva um conjunto de textos dos conferencistas, entre eles, John Kinard que criou, em 1967, o Anacostia Neighborhood Museum em Washington (EUA) e o professor africano Stanislas S. Adotevi, que teve uma participação relevante pela árdua crítica do papel tradicional que o museu desempenhava, que são fundamentais para uma mais completa compreensão de todos tumultuosos debates que tiveram lugar em 71.

Organização do Arquivo do ICOM.PT

O Arquivo do ICOM.PT inclui o Arquivo Histórico (1946-2001), o Arquivo corrente e o semi-corrente - Arquivo ICOM.PT (2001-2012) e os Processos Individuais de Membros – Membros ICOM.PT (sempre corrente).

O critério da datação dos documentos com mais de 12 anos (um número múltiplo de 3) para inclusão no Arquivo Histórico é eminentemente operativa, considerando-se esta uma baliza temporal pertinente para documentação existente neste arquivo, visto que o mandato dos membros dos órgãos sociais é de três anos, renovável por uma vez.

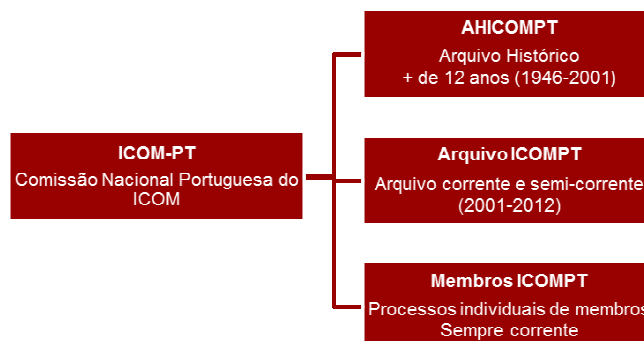


Fig. 1 - Organização do Arquivo do ICOM.PT.

O Arquivo Histórico e Arquivo ICOM (corrente e semi-corrente) reúne cerca de 500 documentos compostos e o Membros ICOM.PT é constituído por 585 processos individuais (em atualização).

Localização e instalações

O Arquivo está localizado numa sala no 3º piso do edifício principal do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, na Rua da Escola Politécnica, em Lisboa, beneficiando das instalações e serviços de apoio do Museu, possuindo a sala condições adequadas para a função a que se destina.¹⁰

⁹ Na senda do Maio de 68, o clima da Assembleia é tenso e a necessidade de discutir diferentes conceitos de democracia na organização e estrutura do próprio ICOM, nomeadamente no acesso ao direito de voto, bem como a necessidade de reflexão em torno do conceito de museu e da profissão museal são algumas das pertinentes inquietações da 9ª Conferência Geral. Fernanda de Camargo Moro (1996) assinala a importância da “Revolução de 1971”, verdadeiro marco para todo o futuro do ICOM, que eclodiu com a conferência de Adotevi, resultando num Manifesto.

¹⁰ A sala, localizada no 3º piso, com cerca de 40 m2 possui pavimento estável, com capacidade para suportar estantes. As janelas asseguram o mínimo de luz e ventilação natural, podendo ser abertas. As paredes encontram-se em bom estado. A

Condições ambientais e controlo biológico

O Arquivo beneficia de condições ambientais controladas e estáveis. A luz solar não incide diretamente sobre o acervo, sendo controlada e a iluminação artificial é feita com lâmpadas fluorescentes, luz branca, mantidas numa boa distância do acervo.

Poderá, facilmente, solicitar-se a cedência de equipamento de monitorização ao museu para qualquer verificação que seja entendida como necessária.

O arquivo é periodicamente higienizado e o pavimento da sala limpo com mopa seca. A par disso, a presença de alimentos e bebidas são restringidos na sala.

Segurança

Pela sua localização privilegiada num Museu, o Arquivo beneficia do plano de segurança vigente no MNHNC e do equipamento existente de deteção e alarme contra incêndio e intrusão. Existe ainda vigilância presencial e um sistema de registo de imagens no edifício. Existem escadas e elevadores para acesso ao piso 3 do Museu¹¹.

Estado de conservação

Durante o processo de higienização de todo o acervo foi possível avaliar o estado de conservação do acervo, que pode considerar-se bom, não se detetam indícios de humidade nem de ataques biológicos ativos significativos¹².

Organização e Gestão Documental

Durante o ano de 2012 procedeu-se a uma higienização de todo o acervo e a uma organização do Arquivo (Histórico, corrente e semi-corrente) e estabeleceu-se uma numeração provisória das estantes disponíveis.

As estantes estão assim numeradas, existindo já uma separação física do Arquivo Histórico, Arquivo ICOM (corrente e semi-corrente) e Membros (processos individuais).

Para os Membros ICOM.PT foram adquiridos 4 módulos de arquivadores com gavetas para pastas suspensas, onde foram reorganizados os processos individuais, agora acondicionados de forma adequada.

As estantes são metálicas, à exceção de um bloco, embutido na parede.

sala não tem canalizações que atravessem o arquivo e não está localizada em área prejudicial à sua conservação, como sejam casas de banho, cozinhas, etc.

¹¹ A zona do edifício onde está implantado é uma zona de acesso restrito a investigadores do museu, daí que se trate de uma zona de pouca circulação de pessoas. No portão de acesso ao edifício existe um segurança que regista as entradas e o acesso a essa ala do edifício é feito através de uma porta fechada à chave. Também a sala tem chave própria para o seu acesso. Os módulos que guardam documentação dos membros individuais são fechados à chave.

¹² Excluindo a presença pontual de lepismas. Clips e agrafos causam alguma deterioração nos documentos, mas nesta fase preliminar não foram retirados no sentido de manter a ordenação de documentos. A remoção será feita aquando do recondicionamento.

O acervo do Arquivo Histórico, corrente e semi-corrente encontra-se em capas e pastas em estantes metálicas.

A sala dispõe ainda de uma secretária de trabalho.

Foi já elaborado um plano de classificação para o arquivo, visando conciliar a futura descrição documental do Arquivo Histórico e dos Arquivos corrente e semi-corrente. Com base nessa primeira classificação foi preparada uma primeira versão do *Guia de Fundo para o Arquivo Histórico do ICOM-PT* (com descrição genérica do âmbito e conteúdos até às séries propostas, 36 páginas).

Embora ainda não se encontre disponível para consulta, o trabalho desenvolvido permitiu uma melhoria significativa da organização do Arquivo, contribuindo para a sua acessibilidade futura.

Sistematização do trabalho desenvolvido

O Arquivo Histórico do ICOM.PT (AHICOMPT), com datas extremas 1946 e 2001, tem a sua origem na documentação criada no âmbito da atividade da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM. A metodologia para a tornar acessível envolveu etapas prévias de reunião da documentação dispersa, bem como organização, preservação e descrição preliminar do acervo do AHICOMPT, desenvolvidas sobretudo ao longo de 2012.

As principais iniciativas realizadas incluem:

1. Reunião do acervo num único local;
2. Higienização, diagnóstico e avaliação do estado de conservação;
3. Estudo e avaliação funcional do acervo;
4. Descrição prévia dos documentos e preparação de Guia de Fundos do AHICOMPT – versão preliminar;
5. Reorganização dos processos individuais dos membros do ICOM.PT em módulos adquiridos para o efeito;
6. Pesquisa na Biblioteca da Imprensa Nacional de documentação relevante para a ICOM.PT, nomeadamente de *Diários do Governo* durante o período 1946-1975.

O AHICOMPT possui cerca de 210 documentos compostos:

174 capas + 19 pastas * + 4 livros de registo de correspondência + 15 maços
(*13 pastas documentação + 6 pastas registo fotográfico)

Urge agora tornar o património documental do AHICOMPT acessível à consulta e à investigação.

Considerações finais

O Arquivo do ICOM.PT abarca 67 anos de intensa atividade do ICOM, testemunhando transformações radicais da sociedade na progressiva democratização e no estatuto dos membros desta organização.

Partindo da realidade portuguesa é possível acompanhar a História do ICOM Internacional e analisar o papel dos profissionais de museus portugueses nas diversas fases desta organização internacional: as primeiras reuniões internacionais (1946-1947), o seu crescimento (1948-1968), os anos de crise (1977-1989), a sua abertura ao mundo (1977-1989) e a sua afirmação cada vez mais eficiente, universal e representativa (1989-

até ao presente). A par disso, é fonte incontornável para compreender os caminhos da Museologia em Portugal.

Agradecimentos

Adelaide Duarte, António Perestrelo de Matos, Cláudia Jorge Freire, Elisabete Teixeira Oliveira, Fátima Santos, Gabriela Carvalho, Graça Filipe, Isabel Melo, Isabel Tissot, Luís Raposo, Marta Lourenço, Paulo Henriques, Paula Gualdrapa, Paula Menino Homem, Vanda Viseu Alves, Vítor Gens.

Centro de Documentação e Informação do Sindicato dos Enfermeiros

Comissão Nacional Portuguesa do ICOM (ICOM-Portugal)

Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC)

Ordem dos Arquitectos (Seção do Sul)

Panteão Nacional

Bibliografia:

Baghli, Sid Ahmed, Patrick Boylan e Yani Herreman. 1998. *History of ICOM (1946-1996)*. Paris: ICOM.

Camargo Moro, Fernanda. 1996. Por que foi esquecida a Revolução de 1971? Uma reflexão (1996). In *O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro: documentos selecionados*. Coord. Maria Cristina Oliveira Bruno. 2010. Vol.1. 25-30. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.

Guedes, Natália Correia. 2009. *Elementos para a História da Comissão Portuguesa do ICOM - 15 Anos de Actividade, 1986-2001*.

Disponível em: <http://www.icom-portugal.org/multimedia/Historia%20ICOM%201986-2001%20Guedes.pdf>

Le Goff, Armelle. Trad. Pedro Penteado. 2005. *Os arquivos das ONG : uma memória a partilhar : guia prático em 60 perguntas*. Paris: ICA. Disponível em: <http://www.dgarq.gov.pt/files/2008/10/ong.pdf>

Rodrigues, Luís Nuno. 2006. Da criação da UNESCO à adesão de Portugal (1946-1965). In *Relações Internacionais*, n.º 12, Lisboa: IPRI-UNL.

Roberto Leite escreve de acordo com a nova ortografia.

NOVOS, RECENTES E RENOVADOS

MUSEU DO FOGO E DA RESINA EM VILA DE REI

PAULO MONTEIRO
GLORYBOX



Storytelling is the most powerful way to put ideas into the world today.
Robert McAfee Brown

O Museu do Fogo e da Resina surgiu de uma ampla reflexão que o Município de Vila de Rei fez no sentido de dar a conhecer a acção do fogo na História deste território desde a antiguidade até aos nossos dias. Concelho mártir dos fogos florestais, com dois dos maiores incêndios ocorridos em Portugal (1986 e 2003), este território renasceu e soube aproveitar os acontecimentos históricos como elemento de construção cultural e social.

A nossa estratégia para a execução deste museu foi dar a conhecer, proteger e valorizar a história do fogo e da resina e a sua relação com o homem neste território, cruzando-os com os patrimónios naturais, culturais e arqueológicos, de uma forma sustentável e interactiva. Baseando-se na riqueza patrimonial da região, pretendemos uma recuperação da identidade local e uma formação que permite apreciar, valorizar e desfrutar dos valores que encerram os elementos patrimoniais e históricos de Vila de Rei.

Neste novo espaço museológico, o fogo é o que nos liga directamente em toda esta viagem pela história de Vila de Rei. Foi ele que permitiu ao homem estabelecer-se neste território, moldando os materiais como a cerâmica e o ferro. Ligado à fé do homem e às vivências do dia-a-dia, o fogo foi usado na paz e na guerra permitindo ao homem pequenas actividades como cozinhar, aquecer, produzir, entre outras, que melhoraram substancialmente a sua qualidade de vida. Para além disto o fim da exploração da resina em terras de Vila de Rei deveu-se à enorme destruição florestal causada pelos grandes incêndios.

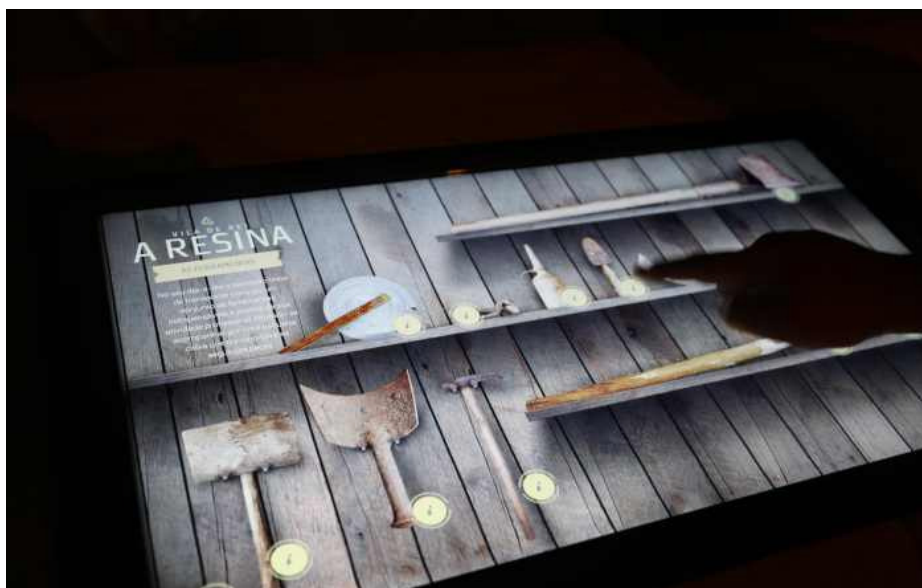


O desenvolvimento deste projecto implicou um processo através do qual dois elementos (o fogo e a resina) e um território são um produto cultural que se pretende promover e divulgar. Por outro lado, aposta-se na difusão ao exterior deste território, atraindo novos públicos e criando fluxos turísticos sustentáveis, que permitam uma sustentabilidade do projecto e que fomentem uma nova centralidade cultural em Vila de Rei.

Para alojar este museu foi escolhido um edifício no centro histórico de Vila de Rei, que tinha sido adaptado anteriormente sem qualquer preocupação museológica ou de acessibilidades. Esta situação obrigou-nos a conceber uma museografia expositiva que mudou radicalmente o interior deste imóvel, e que nos permitiu resolver parte destes problemas.

Foi nossa intenção desenvolver um projecto expositivo capaz de garantir a conservação e fruição do espólio museológico, potenciando os conteúdos expostos de forma pedagógica e envolvente, criando sensações e abrangendo uma multiplicidade de públicos.

O maior activo do ser humano ao longo dos tempos é a sua capacidade de mudança e evolução que advém dos conhecimentos, incorporação de novas tecnologias e atitudes. Vivemos de conteúdos. Comunicamos conteúdos e relacionamo-nos através deles. Evoluímos com eles. A era digital mudou radicalmente o mundo e a sociedade actual, criando um novo paradigma social, filosófico e económico. Passamos a fazer parte de uma gigantesca rede digital de redes digitais, que molda o nosso presente e remete-nos para um colectivo futuro, pelo que este projecto tinha de incorporar esta estratégia.



Conteúdos, design, inovação, planeamento e construção são hoje activos parte de uma rede global de valor acrescentado, que cada vez mais fazem parte da museografia contemporânea. Os conteúdos para este museu (textos, filmes, multimédia/interactividade) forma concebidos para serem acessíveis, de fácil compreensão, criando uma exposição envolvente, atractiva e inovadora. Desta forma os suportes interpretativos (convencionais ou tecnológicos) são o nosso meio para fazer chegar uma mensagem credível, cientificamente correcta e facilmente entendível por públicos não especialistas. É o caso dos filmes e das

aplicações interactivas que mostram a “história” do fogo e a sua relação com o homem, ou como era a actividade do resineiro e quais as suas principais ferramentas de trabalho.

Num projecto como este a colecção, os conteúdos e ambientes criam emoções, opiniões, permitem a identificação e interacção dos seus visitantes com o projecto e levam a que uma visita seja uma imensa experiência sensorial, repleta de conhecimento e saber. Através de uma estratégia comunicativa integradas os conteúdos (filmes, objectos, sistemas interactivos, objectos, entre outros) contamos várias histórias sobre o território, o homem e o fogo.

Conhecer vários temas de um território vasto e tão diversificado obriga-nos a assumir um compromisso de qualidade e de cientificidade pelo que tivemos de constituir uma equipa multidisciplinar e altamente preparada para o efeito. Só com qualidade que atenda aos mais altos padrões de exigência, cientificidade e rigor é que este Museu pode ter sucesso.

Procurando potenciar ainda mais a identificação do visitante/públicos como o Museu e com o Território de Vila de Rei foi ainda criada uma linha de *merchandising*, bem como um catálogo que dá a conhecer as diversas temáticas abordadas neste espaço.

É nossa intenção que o Museu do Fogo e da Resina de Vila de Rei seja o lugar onde confluem todos os conhecimentos e ideias para a interpretação e entendimento de um território fortemente marcado pelas forças da natureza. É o local onde se dá uma ideia de conjunto e portanto funciona como ponto de partida e origem de diferentes rotas e propostas culturais, educativas e turísticas por um concelho que aposta fortemente num turismo ambiental e de qualidade. Desta forma, podemos ter uma visão integral, territorial e sustentável, que mais cedo ou mais tarde se irá converter num ponto de referência para todos aqueles que querem reivindicar a diversidade cultural de Vila de Rei como um bem imprescindível para a cidadania das gerações vindouras.

NOTÍCIAS ICOM

CASAS-MUSEU: UM LUGAR DE ENCONTRO

ELSA RODRIGUES

Secretária-Tesoureira do DEMHIST



Museu da Maré

Brasil: país de novos de conceitos e novas propostas. Um desafio para os profissionais de museologia que trabalham em casas-museu. Foi em São Paulo que o DEMHIST realizou o seu programa de pré-conferência, nos dias 10 e 11 de Agosto. Em seguida rumou ao Rio de Janeiro para prosseguir com o debate, comunicações e visitas de estudo. De 12 a 17 os dias foram preenchidos entre intervenções abordando o tema "**Lugares de reflexão. Museus-Casas como conectores de culturas, tempos, pessoas e grupos sociais**", conduzindo a uma reflexão sobre o papel dos museus nas comunidades onde se inserem, levando a três sub-temas: *Relações com a comunidade* - experiências brasileiras; *Diálogos com o artefacto* e *O papel social dos museus*. Nesta conferência, inserida na conferência geral do ICOM, pretendeu-se sobretudo dar voz aos profissionais que trabalham em casas-museu dando menos enfoque ao trabalho académico, porque na sua essência o DEMHIST reúne profissionais de todo o mundo que nos enriquecem com as suas visões diversificadas.

Deixando de parte esse vasto leque de abordagens vou-me debruçar sobre alguns aspectos que me tocaram particularmente em relação à museologia brasileira.

Uma ideia a reter é a própria definição de museu que nos foi apresentada pelo museólogo Mário Chagas. Quando nos referimos à ideia de museu, por norma, dizemos: "Museu é... ", porém essa tentativa de definição é limitada, porque o museu é um lugar de encontro plural. No encontro entre o museu e o visitante dá-se um momento de partilha e de transformação. O museu é cumulação de pensamentos, conhecimentos, experiências, biografias de quem o visita. Logo dever-se-ia dizer "Museu e".

Podemos ir ainda mais longe na provocação?

Há museus que nos desafiam os conceitos de inclusão, cidadania e memória. Museus feitos com a comunidade e para a comunidade. Poderá ser isto uma casa-museu? MUF - Casas de Tela. As fachadas das casas da favela Cantagalo são transformadas em telas que contam a sua própria história, vivências do quotidiano da comunidade, realidades individuais e privadas. A casa-museu é as paredes do bairro. A casa é o seu exterior. O interior vem para o exterior.

Isto lança-nos o repto de revermos os nossos conceitos museológicos e pré-requisitos para a designação de casa-museu. Estamos perante um alargar de fronteiras demasiado permissivas? Com que bases trabalhamos? O que são colecções?

Verdades estilhaçadas...

Museu da Maré, um desejo de memória. Um museu inteiramente concebido pela comunidade da favela da Maré, para que ela se pesquise, reflita, analise, aceite...

Um museu em construção, que nasce de um sonho e que abará os seguintes aspectos : as águas, a casa, o quotidiano, a criança, a fé, a feira, a festa, o futuro, o medo, a migração, a resistência e o trabalho. Um museu mantido pela comunidade. O legado é o que cada um trás de casa, são objectos, são as suas histórias, são os seus medos e alegrias.

Uma casa-museu é poesia, é uma comunidade, é uma construção constante, é o pulsar da vida, é paixão?

Vivenciar a casa...

O Brasil tem uma apetência para o culto do herói, que com certa frequência é alguém, que se destacou na política levando o país a tomar um novo rumo.

Ao entrar na Casa de Benjamin Constant ou na Casa de Rui Barbosa tem-se a sensação de se entrar verdadeiramente numa casa viva e humanizada. As janelas fazem-nos sentir a aragem e o calor penetrante. São casas de portas e janelas abertas que intensificam a sensação de intimidade e nos afastam da ideia de musealização da casa.

Onde estão os princípios de conservação preventiva? Como se faz a monitorização da temperatura, da humidade relativa, da iluminação? Como controlar pragas? O trabalho de musealização e conservação são feitos com subtilidade, mas com técnicas eficazes. A mobília está climatizada, diria mesmo "tropicalizada".

Confronto artístico?

Há espaços museológicos que acolhem arte contemporânea e as casas-museus não são excepção. No entanto, deve uma casa-museu ser vista como um mero "cubo branco", como uma galeria onde o artista expõe tudo o que lhe apraz? Sendo uma casa-museu um espaço de memória, as obras de arte apresentadas devem partir duma relação com esse espaço, com essa colecção e com esse tempo. As intervenções devem ser *site specific* e preferencialmente subtis. Não devem prejudicar ou inviabilizar a leitura dos objectos. Devem antes de mais complementar e permitir novas leituras e novos olhares. Exemplo cabal desta premissa é o projecto *Respiração* que se realiza há nove anos na Fundação Eva Klabin onde artistas são convidados a sentir o espírito da casa e a propor obras com o mínimo de interferência possível, mas que estabelecem novos diálogos com o passado.

Que futuro? Novos rumos, novos conceitos?

Casas-Museu visitadas durante o programa de pré-conferência em São Paulo:

Palácio dos Bandeirantes; Casa de Pedra; Casa de Vidro – Instituto Lina Bo e P. M. Bardi; Fundação Cultural Ema Gordon Klabin; Fundação Maria Luisa e Oscar Americano; Museu da Língua Portuguesa; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Memorial da Resistência e Estação Pinacoteca

Casas-Museu visitadas durante a conferência no Rio de Janeiro:

Museu da Maré, Museu do Açude, Museu Chácara do Céu, Museu Casa de Benjamin Constant; Fundação Eva Klabin, Casa de Rui Barbosa, Casa Daros, Museu Villa Lobos; Instituto Moreira Salles; Centro Cultural Parque das Ruínas.

NOVAS PUBLICAÇÕES

Museums and public value

Carol A. Scott (ed)

Editora: Ashgate

Preço: £40.50

ISBN 978-1-4094-4643-9

Museums, health and well-being

Helen Chatterjee and Guy Noble

Editora: Ashgate

Preço: £40.50

ISBN 978-1-4094-2581-6

Creativity in museum practice

Linda Norris and Rainey Tisdale

Editora: Left Coast Press

Preço: \$32.95

ISBN 978-1-61132-308-5

CALENDÁRIO DE INICIATIVAS DEZ13 – FEV14

[Debate] **CULTURA E PÚBLICOS**

9 DEZ

Casa das Artes, Porto

Organização: Direcção Regional da Cultura do Norte

[Curso] **ACESSIBILIDADE: UMA VISÃO INTEGRADA**

20 JAN A 25 FEV

Culturgest, Lisboa

Organização: Acesso Cultura

Mais informações: www.acessocultura.org

MAIS PARA A FRENTE

[Congresso] **II CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PATRIMÓNIO INDUSTRIAL: PATRIMÓNIO, MUSEUS E TURISMO INDUSTRIAL**

22 A 24 MAIO

Universidade Católica, Porto

Organização: Associação Portuguesa para o Património Industrial, Universidade Católica Portuguesa, CITAR – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes

Mais informações: <http://artes.porto.ucp.pt>

INFORMAÇÃO ICOM.PT é uma publicação trimestral da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM.

Editoras Maria Vlachou (mariavlachou.pt@gmail.com)

Design Sistemas do Futuro